

Editorial

A *Revista Stylus 30* “*Amor e Sexo*” propõe-se a desenvolver um assunto — a conjunção do amor e do sexo — ou, antes, dois assuntos distintos ligados por uma conjunção disjuntiva?

Há hiato ou junção entre o amor e o sexo? Há hiato entre a verdade do amor e o real do sexo.

De qualquer forma, a questão interessa ao senso comum, às queixas das vidas ordinárias, frequentemente lamentando a incompatibilidade, aos poetas e aos psicanalistas.

Freud reuniu Amor e Sexo com o conceito único de Libido, mas, ao descrever as pulsões como parciais, apontava para o “não há relação sexual”, que Lacan extraiu como seu Dizer. O amor “verdadeiro”, e em primeiro lugar a transferência, revela-se como a mentira veladora do real do sexo.

O *Seminário XX* de Lacan, “Mais ainda”, *Encore*, escreve e explicita a junção-disjunção do amor e do sexo.

O sexo procede de e remete à solidão fundamental do *parlêtre*.

Será o amor um mero sonho que pretende “identificar pelo amor o gozo *não todo* ao gozo prometido pelo significante”, ou podemos conceder-lhe um alcance ético que não seja simplesmente de equivocação, mas sim de suplência à “não relação sexual”?

“Mais ainda [*Encore*] é o nome próprio dessa falha de onde, no Outro, parte a demanda de amor”.¹ Desde o *En-corps*, *Un-corps*, Um-corpo sozinho, parte a demanda de amor visando um outro que o desejo elege pela graça dos signos enigmáticos inscritos no a-muro de seu corpo. Enigma que o fantasma se presta a reduzir à sua significação solitária.

No entanto, o amor como resposta, atesta a impossibilidade, mas produz um saber fazer que “se vira com isso”, a partir dos rastros singulares deixados pela incorporação d’alíngua e sua empolgação pelo dizer de Um.

O amor, enquanto suplência, pode fazer laço, isto é, *sinthoma* — dirá Lacan mais para frente no *Seminário XXIII* — que logra enodar a relação de um sujeito a seu gozo singular de falasser com o corpo de um outro semelhante sexuado.

Stylus 30 distribui os artigos recebidos e selecionados pelos pareceristas nas rubricas habituais dos outros números, com acréscimos: a volta do *Espaço Escola* e uma nova seção *Letras*, que encerra este número com a poeta Louise Labé (século XVI). “Mais ainda” (*Encore*) poderia ser o título do poema que dá o tom da Revista, cantando eroticamente uma das consequências amorosas do sexo: ao gozar um do outro “à vontade”, alcança-se a desmedida que satisfaz, pois “*não me*

¹ LACAN, Jacques (1972-73). *O Seminário, livro 20: Mais ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, pp. 12-13. No original: “*Encore, c’est le nom propre de cette faille d’où dans l’Autre part la demande d’amour*”.

posso dar contentamento, se, fora de mim, não faço alguma investida". Gregório de Matos (século XVII), por sua vez, indaga, procura, supõe, para concluir sem vergonha que o amor é "*uma confusão de bocas/uma batalha de veias/um reboiço de ancas/quem diz outra coisa, é besta*".

- Colocamos à disposição do leitor o texto das **Conferências** de Luis Izcovich no Encontro Nacional 2014 da EPFCL-Brasil, em Campo Grande. A primeira, *Os nós do amor e dos gozos*, coloca a questão de um novo enodamento do amor, do gozo e da identidade sexual em consequência de uma análise, e aponta a satisfação de fim de análise como efeito de uma certeza com relação à identidade sexual, condição de acesso a um novo amor.

A segunda, *Amor: semblantes e sinthoma*, parte da premissa de que a análise forja uma identidade sexual que não é da ordem do semblante, ela não é dada pelo Édipo e seus significantes; por isso, a resposta singular dada pelo sujeito ao "não há relação sexual" é sempre sintoma, a análise permitindo viver este sintoma de outra maneira, com novo enodamento.

- **Ensaio** nos brinda com as surpreendentes *Notas sobre o fantástico e a sexualização a partir do conto As Academias de Sião, de Machado de Assis*, de Fabiano Rabêlo Chagas, e o desenvolvimento preciso de Ana Laura Prates Pacheco. Com efeito, *Para sempre é sempre por um triz* retoma a distinção estrutural por Lacan do nó borromeano e do nó olímpico, aquele que tenta escrever a relação sexual, com a prevalência de um registro sobre o outro. Dessas tentativas decorre uma tipologia de modos de amor "impostores", o amor a Deus, o amor Cortês ou o amor masoquista. Um novo amor, não olímpico/edípico procede da surpresa "por um triz", não sem certa disposição anterior e posterior ao encontro contingente.

- Em **Trabalho crítico sobre conceitos**, o sexo está na berlinda, como escolha, insistência do real, e investiga os fundamentos estruturais da nova economia sexual que as formas "trans", entre outras, atuam, e que as teorias do gênero tentam explicitar.

Colette Soler, em seu texto *Nova economia sexual*, enfrenta a questão: como se instaura para o falante o corpo a corpo do coito hetero-sexual, já que a descoberta de Freud "há pulsões parciais, mas não pulsão genital" resulta no "não há relação sexual"? Duas frases paradoxais de Lacan: "eles têm a escolha" e "os seres sexuais se autorizam de si mesmos" escancaram a disjunção entre a opção sexual do todo ou *não-todo* fálico e as práticas de corpo propriamente ditas, pois se há escolha forçada da identidade de gozo, esta não decide o parceiro do encontro em ato com o sexo. Hiato, não mais escondido pelo discurso atual, o que explicita a nova economia sexual nos tempos de hoje e a singular incidência da psicanálise nos destinos da maldição sobre o sexo.

Marc Strauss em seu texto *A escolha do sexo: o que dizem disso?* articula a questão teórica com a questão clínica do tratamento do *não-todo* na neurose e na psicose. Ele propõe verificar em que a definição por Lacan de um gozo feminino a

partir de uma lógica inédita dita *não-todo* muda o exercício da psicanálise, isto é, a interpretação que ela faz dos sintomas, intrusões desse *não-todo* que se manifesta em uma cena onde ele não tem nada a ver.

Maria Luisa de la Oliva, em *A insistência do real na sexualidade*, propõe uma discussão entre a lição da estrutura relida por Lacan como “não há proporção sexual” e alguns postulados das teorias feministas com relação à sexualidade, verificando seus pontos de encontro e desencontro.

Transexualidade e sexualização, de Elisabeth da Rocha Miranda, considera corajosa e clinicamente os novos questionamentos clínicos que o discurso capitalista, em cumplicidade com a ciência, impõe ao tratamento da questão dos transexuais.

- **Direção do tratamento** apresenta três textos que percorrem as consequências clínicas do amor e a hipótese de que o amor de transferência possa, no final das contas, permitir o acesso a um amor, em função de suplência e não mais de impostura.

Dominique Fingermann, em *Amar adentro*, percorre os diversos aforismos de Lacan a respeito do amor para cingir o que suas ficções apontam como real: além de seu sentido e de suas significações, o amor mais digno é signo de Um.

Kátia Botelho de Carvalho, com *Percurso de uma análise: do sexo anônimo ao amor de um nome*, resume a travessia analítica que os diversos “giros” ocorridos no processo proporcionam ao analisante, a descoberta/invenção de novo modo de enlaçamento com o outro pela via do “amor de um nome”.

Vera Pollo, com seu generoso trabalho *Quando o amor devasta*, nos permite uma aproximação teórico-clínica do problema mencionado por Lacan da devastação nas relações amorosas, partindo da relação com a mãe e precisando o seu alcance com os exemplos da clínica e de *Fedra*, de Racine.

- **Espaço Escola** propõe desta vez duas colaborações de colegas que averiguam outro tipo de laço, o laço entre analistas, ou seja, os comprovadamente “esparcos desparelhados”. Andréa Hortélio Fernandes, em *A Escola de Psicanálise e sua garantia*, e Luciana Guarreschi, com *Passador, um leitor*, colocam o analista e seus laços na berlinda.

- Por fim temos a seção **Resenhas**, na qual Paulo Marcos Rona, Elaine Foguel e Raul Albino Pacheco Filho, graças a seus comentários entusiastas e meticulosos, nos oferecem um acesso aos livros recém-publicados por colegas do Campo Lacaniano no Brasil: *Os paradoxos da repetição*, *Amor, Desejo e Gozo* e *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*.

Desejamos uma boa leitura a vocês!

Dominique Fingermann
pela Equipe de Publicação